



CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA
Modalidade a Distância



Eixo IX

2010/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
PÓLO DE GRAVATAÍ

Simone Ribeiro

**UMA PEDAGOGIA EM MOVIMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA CAPOEIRA NA
CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA**

PORTO ALEGRE

2010

Simone Ribeiro

**UMA PEDAGOGIA EM MOVIMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA CAPOEIRA NA
CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Eliseo Reategui

Tutora: Daniela Calletti

Aprovado em ___/___/_____.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso, **TÍTULO**, elaborado por **NOME**, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Professor Eliseo Reategui:

Dr^a Luciane Corte Real

Dedico este trabalho aos meus pais, por me mostrarem que estamos constantemente aprendendo e por me incentivarem sempre a estudar. E também a minha filha, razão maior do meu viver.

Em memória: Aos meus avós, sei que estão felizes e orgulhosos por mais essa conquista!

AGRADECIMENTOS

A Deus por me ter permitido vir a esse mundo com tanto gosto pela aprendizagem e sabedoria para aproveitar essa oportunidade;

Ao meu Anjo da Guarda, que tem me iluminado os pensamentos me amparando nas tantas horas de cansaço;

A minha família, pelo incentivo para crescer como ser humano e pelo apoio nessa caminhada;

A minha irmã Juliane, pelas tantas e tantas vezes que prontamente me ouviu;

Ao meu Mestre Camisa, que me despertou a vontade de voltar a estudar para evoluir;

Ao amigo Sorridente, por acreditar no que eu estava fazendo e confiar na minha perseverança;

As colegas Nara Josi, Rosilene Campos, Márcia Souza e Tâmara Canabarro pelas diferentes formas de apoio;

Ao professor Eliseo Reategui, pela orientação, apoio e incentivo;

A todos meus alunos, de tudo que já construímos e ainda vamos.

EPÍGRAFE

“ Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade” .

Paulo Freire

RIBEIRO, Simone. *Uma pedagogia em movimento: contribuições da capoeira na construção da autonomia.* 2010. ?p. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS.

RESUMO

PALAVRAS CHAVE: capoeira, autonomia, juízo

Esse trabalho consiste em um relato de experiência realizada com a prática da capoeira e as possibilidades nas quais possa contribuir para o desenvolvimento da autonomia nas crianças, em aspectos que permitam estas passarem do pensamento centrado e egocêntrico para o pensamento reflexivo e consciente .

A pesquisa aborda num primeiro momento o desenvolvimento mental infantil e sua relação com as fases da construção do juízo moral. Com base nas pesquisas principalmente dos estudos de Jean Piaget, busquei esclarecer a forma como as crianças constroem sua aprendizagem pois acredito que essas informações são importantes para compreendermos como elas constroem as noções de regras e de limites. Percebemos que as crianças não aprendem da mesma forma que os adultos pois durante seu processo evolutivo elas passam por fases de desenvolvimento que tem características específicas. Essas fases são interligadas e progressivas e a cada nova situação que se apresenta ocorre um desequilíbrio daquilo que já havia sido construído. Para resolver esse conflito interno as crianças precisam desenvolver soluções, e a partir daí construir novos conhecimentos. Vimos também que essas etapas acontecem nas áreas afetiva, cognitiva, psíquica, orgânica e social.

Em cada um dos aspectos complexos da vida psíquica, quer se trate da inteligência ou da vida afetiva, das relações sociais ou da atividade propriamente individual, observa-se o aparecimento de formas de organizações novas, que completam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável e que também inauguram uma série ininterrupta de novas construções. (PIAGET, 1976 p. 42)

Num desses períodos estudados por Piaget, o estágio operatório concreto, aprofundei a pesquisa desse trabalho. Primeiramente por ser o estágio de desenvolvimento em que os

alunos observados se encontram, a partir dos sete anos, e também por ser nesse período que as crianças desenvolvem a reversibilidade de pensamento. Essa capacidade permite que as crianças percebam a existência do outro em seu universo, e mesmo colocar-se no lugar do outro avaliando as conseqüências de suas atitudes para os demais. Por isso nesse período as crianças começam a passar da fase de heteronomia, onde simplesmente obedeciam, por medo ou respeito aos adultos, para a fase da autonomia. Na construção da autonomia é de suma importância que ocorra o incentivo do educador, através de atividades que propiciem seu desenvolvimento, pois sozinhas as crianças não elaboram noções de justiça, respeito e limites.

Num próximo momento fazemos um acompanhamento de como autonomia foi trabalhada pela educação no passar do tempo. Notamos que a educação ao atender anseios da classe social dominante em cada período também seguiu padrões em relação as crianças. Estas passaram por períodos em que eram preparadas apenas para obedecerem, e por muito tempo segundo crítica de Karl Marx eram também preparadas apenas para o trabalho. Após 1930, com as pesquisas de estudiosos e com a chegada do movimento da Escola Nova e depois através de Paulo Freire a educação voltou seus objetivos para a formação de outro tipo de cidadãos. E aqui a importância da autonomia, que tem como base valores como respeito, a igualdade, a responsabilidade social e a dignidade. Valores que precisam ser construídos dentro da escola pois os pais estão cada vez mais distantes de seus filhos.

Pôr em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do estudante necessariamente trabalha contra alguns mitos, que nos deformam. Esses mitos deformadores vêm da ideologia dominante na sociedade. Ao contestarmos esses mitos também contestamos o poder dominante. (FREIRE, 1987, p.67)

Após, mostra-se a resistência da essência e dos fundamentos da capoeira durante sua historicidade, mantendo seus aspectos culturais e populares. Finalmente, com base em anotações e registros num diário de campo, busquei pesquisar de que formas a capoeira pode, enquanto prática pedagógica oferecer situações em que os alunos venham a refletir antes de agir, tomando decisões por si próprias, construindo sua autonomia. Através de suas atividades desafiadoras e propiciadoras de situações onde é preciso tomar decisões levando em conta aquele com quem se joga, a criança está constantemente desenvolvendo sua autonomia.

A capoeira conseguiu provar que através de profissionais comprometidos, pode ser articulada à relação ensino-aprendizagem e contribuir muito para a aquisição do saber construído na formação de cidadãos críticos e responsáveis. (Freitas, 2003, p. 11)

Nessa pesquisa o comportamento e o processo de tomada de consciência através do saber pensar foi utilizado nas práticas com a capoeira onde a criança, através dos movimentos precisou tomar consciência de si e do colega, para realizá-los com criatividade, compreensão e dentro dos limites da convivência respeitosa. Em síntese, observei que com a devida contextualização através da orientação do adulto as crianças aprendem o significado do jogo de capoeira. E com satisfação e ludicamente esta pode criar as condições e oportunidades pedagógicas facilitadoras da construção da autonomia, lições que são extensivas a vida cotidiana em sociedade.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 A construção da autonomia no desenvolvimento da criança	12
2 Propósitos da autonomia para a educação	16
3 A capoeira como instrumento pedagógico na construção da autonomia	22
4 Aspectos metodológicos	31
5 Considerações finais	38
6 Referências bibliográficas	42

1. INTRODUÇÃO

Durante o período operatório concreto, os alunos começam a desenvolver a reversibilidade do pensamento, capacidade que os auxiliará na consideração de outros pontos de vista diferentes do seu. Para Piaget (1923, p.74), “adaptar-se ao mundo social, como ao meio físico, é construir um conjunto de relações e situar-se a si próprio entre essas relações graças a uma atividade de coordenação implicando a descentração e a reciprocidade de pontos de vista”, portanto a partir dessas relações iniciam-se as construções de regras morais partindo de uma reflexão e julgamento interno. Essas construções passam por estágios que vão da anomia à autonomia, incluindo o outro na sua percepção de mundo e estabelecendo novos tipos de relações. Os pais em suas casas tendem a reforçar a heteronomia, pois para o bem estar de seus filhos precisam que eles obedeçam a suas regras e sem questionar. Poucas famílias debatem o porquê de certas determinações ou analisam suas conseqüências quando obedecidas ou não. Ao chegar à escola os alunos reproduzem esse comportamento, tornando difícil até a construção de capacidades interpretação, á que só sabem reproduzir e não estão preparados para refletir sobre determinado tema e elaborar sua própria opinião. Analisando essa questão no convívio social, a criança passa a só obedecer ao adulto-professor quando esse está presente e quando se encontra desacompanhada de um adulto, sem refletir no que é certo ou errado. Tal atitude muitas vezes dá vazão a comportamentos agressivos e prejudiciais aos demais membros da escola.

A maioria das práticas esportivas pode desenvolver a autonomia, se as crianças forem bem orientadas na construção das regras que envolvem essas práticas-, na reflexão de porque se utilizam de determinadas combinações durante um jogo ou atividade física que envolvam mais de um participante. Essas práticas podem intrinsecamente ser relacionadas ao dia-a-dia dos participantes, utilizando-se do simbolismo para construir autonomia até porque precisamos dos nossos colegas para praticar essas atividades, como seria no caso dos jogos com bola, artes marciais, esportes coletivos, a capoeira. Segundo Gino (2010):

“No treino da capoeira (e em outras modalidades esportivas também), por exemplo, são aplicados exercícios de atividades lúdicas, para que haja uma “transferência” de habilidades à realidade do jogo”. Ficando assim a modalidade mais atraente, participativa e com integração entre os praticantes.

Nessa linha de metodologia, nossos alunos estão "arquivando" no seu acervo motor, os conceitos éticos, os valores, observam e respeitam a individualidade de cada companheiro de treino. “O

professor então contribui para a construção não só do atleta, mas colabora na aquisição de sua autonomia social também.”

Observei que a capoeira pode ser um importante fator na construção da autonomia, justamente por sua ligação intrínseca com a educação afetiva na qual acredito firmemente, tendo em vista que a capoeira é conduzida numa constante relação de respeito do professor por seus educandos e seus saberes. Entendo que havendo a possibilidade de utilizarmos atividades, técnicas, metodologias que sejam propulsoras dessa autonomia, não podemos deixar de fazê-lo porque se trata realmente de comprometimento com nossa tarefa, nossa proposta de vida que é a docência como agente de transformação, capaz de desenvolver a cooperação e a solidariedade. O objetivo desse trabalho foi investigar as possíveis contribuições que a capoeira pode oferecer para a construção dessa autonomia.

Esse trabalho está estruturado do seguinte modo: o capítulo 2 apresenta os estágios do desenvolvimento mental das crianças, relacionados com as fases e as formas como se constroem as regras até o início do processo de desenvolvimento da autonomia. O capítulo 3 apresenta a importância do desenvolvimento de cidadãos autônomos para uma educação libertária e na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, como sendo um dos princípios da educação.

No capítulo 4 trago informações sobre a capoeira, um resumo de sua trajetória histórica, suas contribuições sob o aspecto pedagógico para a construção da autonomia. O capítulo 5 mostra como foi desenvolvida a investigação para esse trabalho, a metodologia empregada e os resultados da pesquisa. Finalmente no capítulo 6 apresenta uma reflexão sobre o trabalho realizado e uma avaliação crítica sobre os resultados obtidos.

1.A construção da autonomia no desenvolvimento da criança

Jean Piaget desenvolveu uma teoria para explicar a origem do conhecimento humano, afirmando que esse conhecimento se dá por construções em estágios evolutivos. Essa teoria chama-se epistemologia genética e originou o termo construtivismo justamente por considerar as construções que vão sucedendo-se. Com base na teoria do psicólogo Piaget que analisou e descreveu níveis que as crianças e adolescentes constroem durante seu desenvolvimento, podemos considerar que em todos esses estágios existe sempre um objeto desencadeador de ações, um interesse ou uma necessidade e existem também funções que são constantes e estruturas que variam sucessivamente, marcando a transmissão desses estágios. Para Piaget (1976, p.11):

O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de equilíbrio superior. Assim, do ponto de vista da inteligência, é fácil se opor à instabilidade e incoerência relativas das idéias infantis à sistematização de raciocínio do adulto. No campo da vida afetiva, notou-se, muitas vezes, quanto o equilíbrio dos sentimentos aumenta com a idade. E finalmente, também as relações sociais obedecem à mesma lei de estabilização gradual.

Para melhor compreender de que forma as crianças constroem suas noções de regras e como as seguem é preciso conhecer esses estágios do desenvolvimento pelos quais elas passam. As crianças não pensam e não aprendem da mesma forma que os adultos, pois ainda passam pelas fases pelas quais precisam passar e isso se dá de forma progressiva, evolutiva e em interação com o meio. Ou seja, a cada nova situação ou desafio, cria-se um impasse considerado um desequilíbrio e precisa ser resolvido através da assimilação dos novos elementos e acomodando as estruturas já existentes, construindo assim isso que Piaget chamou “estágios do desenvolvimento humano”. Podemos afirmar ainda, que os estágios de desenvolvimento do ser humano acontecem nas áreas psíquica, orgânica, afetiva e social em constante evolução em direção a um equilíbrio durante o seu crescimento.

Em cada um dos aspectos complexos da vida psíquica, quer se trate da inteligência ou da vida afetiva, das relações sociais ou da atividade propriamente individual, observa-se o aparecimento de formas de organizações novas, que completam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável e que também inauguram uma série ininterrupta de novas construções. (PIAGET, 1976 p. 42)

Embora o próprio Piaget nos diga que as idades em que esses estágios acontecem são variáveis de uma criança para outra, ele também aponta dois fatores relevantes para esse trabalho: a ordem de sucessão dos estágios não muda, mas a velocidade do desenvolvimento de cada estágio pode sim, variar de acordo com as influências do meio social. Dos estágios estudados por Piaget trataremos mais especificamente do chamado estágio operatório concreto, que abrange a idade entre sete e doze anos, com seus aspectos intelectuais e afetivos pois é nesse estágio que podemos observar significativas mudanças no comportamento social das crianças pertinentes a esse trabalho.

O estágio anterior que é o pré-operatório é caracterizado pelo egocentrismo do sujeito, que não tem capacidade ainda de relevar outros pontos de vista, considerando apenas o seu, pois ainda está numa fase de irreversibilidade de seu pensamento. Ou seja, não consegue inverter mentalmente uma situação. Já no período operatório concreto as crianças começam a desenvolver a capacidade de reconhecer regras, de segui-las e mantê-las. Durante os jogos que realizam conjuntamente controlam uns aos outros no sentido de respeitarem essas regras, demonstrando começar um processo de reflexão, de análise das situações e elaborando atitudes para serem tomadas frente a essas novas situações. Também consideram outros pontos de vista que não somente os seus e assim as crianças vão passando do egocentrismo anterior para o início do desenvolvimento de uma assimilação racional da realidade. Isso acontece devido à noção de reversibilidade, construída nesse estágio e presente não só nas operações lógicas, mas nas noções de tempo e de espaço e também no processo de socialização, já que passam a considerar o outro no seu contexto. Para Becker (2001,p.20-1):A assimilação funciona como um desafio sobre a acomodação a qual faz originar novas formas de organização. Os valores morais também passam por esses processos de construção que se estabelecem nas relações cotidianas com os adultos e que estão interligadas com a capacidade de reversão do pensamento, enquanto passam pelas fases da construção das regras. Piaget (1976), nos traz pesquisas nesse sentido, estudando a construção das regras do jogo, os juízos sobre o desajeitamento, o roubo, a mentira e a noção de justiça e diferenciando conduta moral de juízo moral, ou seja, as avaliações que as crianças fazem considerando o certo ou errado. Quanto ao desenvolvimento moral da criança, segundo Piaget, este passa por duas fases: a anomia e a heteronomia e com o passar do tempo vão evoluindo até construírem a autonomia. Na fase da anomia as crianças não tem consciência de certo ou errado, o comportamento é relativo às necessidades básicas por isso há uma ausência de regras. Corresponde à primeira idade das crianças, até um ano e meio caracterizada por egocentrismo, tendências instintivas, atividade não socializada, indiferenciação com o outro. Segundo Piaget (1994, p.19):(...) *em outros termos egocentrismo significa ao mesmo tempo ausência da consciência de si e ausência da objetividade, enquanto tomada de consciência do objeto é inseparável da tomada de consciência de si.*

Com seu crescimento e convivência com os adultos, a criança vai construindo a heteronomia onde segue as regras estabelecidas pelos adultos por obediência, por coerção, não tendo ainda um julgamento próprio, uma decisão feita por análise da situação. Nesse período as regras são consideradas imutáveis e o respeito a elas deve-se aos sentimentos de afeto e medo. A criança considera mais a consequência dos atos, o que pode acontecer se desobedecer às regras impostas pelos mais velhos, tendo medo do que possa lhe acontecer.

Não conseguem ainda compreender a função e os critérios utilizados na formulação das regras para a convivência social. Esse período compreende até mais ou menos sete anos, e caracteriza-se pela não avaliação da situação sob os pontos de vista diversos. Não importa a intenção ou motivação de quem cometeu tal atitude, ao infringir uma regra imposta por um adulto aquela pessoa já é considerada culpada e no entendimento da criança nessa fase, por isso somente já deve ser punido. Aqui é importante comentar que adultos ao infringirem castigos, sanções, punições para o desobedecimento das regras como simples consequência de tal procedimento, estão fortalecendo a heteronomia. Assim as crianças vão buscar maneiras de infringir as regras sem serem descobertas, tentando ludibriar os adultos ou também, obedecerem cegamente com medo do resultado e tornando-se muito manipuláveis e mais tarde adultos apáticos, conformistas, sem capacidade de tomar suas próprias decisões. Podem ainda reagir com revolta, desde simples “teimosos” até os que tem atitudes consideradas anti-sociais, violentos. Durante o período operatório concreto, com início por volta dos sete anos às crianças vão descentrando seu ponto de vista, passam a colocar-se no lugar do outro, construção que envolve além da estrutura cognitiva a estrutura afetiva a partir de suas relações com o meio possível devido à reversibilidade do pensamento, característica marcante desse estágio.

Para Piaget, é na relação, no encontro com o fora que o sujeito se constitui em sua função cognitiva, construindo, ao mesmo tempo e num mesmo movimento, o fora, o objeto, a partir das estruturas que este encontro engendra. É na medida em que este fora resiste às expectativas do sujeito, em que este, esperando continuidade, encontra ruptura, que o fora se inscreve enquanto alteridade” (RICKES, 2002, p. 42).

Nessa fase surgem sentimentos como os de justiça, igualdade, cooperação e respeito mútuo. Esses sentimentos vão compor uma nova organização dos valores morais e desenvolver a capacidade de tomar decisões baseadas numa reflexão interna e individual da situação. As regras deixam de ser obedecidas para tornarem-se o cumprimento de combinações feitas em conjunto com o outro. A convivência com o outro é de extrema importância para o desenvolvimento da autonomia, pois permite estabelecer relações de cooperação, de trabalho conjunto e coletivo. Quando a criança passa a perceber o outro como igual, acontecem às trocas e nesse sentido as ações também se tornam reversíveis com a possibilidade de aceitar a existência do outro e interagir com ele construindo o conhecimento social. A construção das regras vai acontecendo dentro dessa interação, quando a criança vai se ajustando as novas relações e interações com os outros a partir da descentração que lhe permite coordenar outros pontos de vista e desenvolver a cooperação. Para Piaget (1923, p. 74):

Adaptar-se ao mundo social, como ao meio físico, é construir um conjunto de relações e situar-se a si próprio entre essas relações graças a uma atividade de coordenação implicando a descentração e a reciprocidade de pontos de vista.

Pode-se perceber a importância do papel adulto na construção da autonomia das crianças, na forma como irá orientá-las, lidar com as questões de certo e errado e trabalhar as regras. Fica bem nítido a necessidade do respeito mútuo, da conversa franca e aberta buscando analisar as diferentes situações que envolvam a convivência e a sociabilidade e levando em conta as diferentes opiniões com reciprocidade. Através da reciprocidade o grupo constrói suas regras e cada um pode perceber quando não as cumpriu, o que resultou disso e como poderá restituí-las. A autonomia acontece quando o sujeito é capaz de harmonizar suas vontades com as decisões coletivas compreendendo o melhor para o grupo.

O desenvolvimento da autonomia requer de nós, educadores, atitudes libertadoras que permitam a reflexão, a tomada de decisões baseada numa construção coletiva de combinações a partir da consciência das consequências de seus atos. As crianças precisam ser orientadas a pensar, julgar, criticar considerando que estamos construindo conhecimentos que serão levados para uma vida toda e formando seres humanos que vão constituir relações construídas e reconstruídas com outros a partir da sua percepção de ética e moral, durante um processo em que participam ativamente.

Autonomia é a submissão do indivíduo a uma disciplina que ele próprio escolhe e a constituição da qual ele elabora com sua personalidade. (PIAGET, 1971, p. 118)

2. Propósitos da autonomia para a educação

Este capítulo tem por objetivo analisar a relação histórica da educação com a autonomia, numa reflexão a respeito das intenções que precisamos ter enquanto educadores conscientes de nossa função formadora e da importância da autonomia numa sociedade mais justa e igualitária. Precisamos lembrar que durante a história da humanidade a educação passou por vários processos, atendendo diversos interesses (políticos, religiosos, econômicos e \ ou necessidades e que ainda continua em transformação direcionando o discurso pedagógico que “devemos” fazer e o conceito de alunos que a escola “precisa” desenvolver. No Brasil não foi diferente do resto do mundo.

Segundo Dill (1994, p. 107):

O país passou por uma fase de transformações, tais como: abolição da escravidão, organização do trabalho livre, o fluxo das correntes migratórias, fase inicial da industrialização e a mudança do modelo político, o que concorreu para a criação de um ambiente propício à renovação pedagógica e cultural. Os sistemas escolares se desenvolvem em consonância com o contexto global e, como tal, assumem as características da referida época.

Antigamente as crianças eram consideradas dentro de uma total dependência dos adultos. Numa clássica e organizada heteronímia, eram preparadas para obedecer sem questionar e em troca deveriam receber proteção. Os atuais sentimentos de infância não existiam, as crianças desenvolviam apenas as capacidades necessárias para viver.

Pensando em termos mais específicos, aqui no Rio Grande do Sul, a colonização marcadamente européia não teve muita preocupação com a educação das crianças. Foi uma educação dominadora, que buscava anular os saberes populares principalmente dos indígenas, tentando obrigá-los a uma cristandade que não respeitava seus costumes e crenças e que os queria levar a servilidade, em nada tendo que desenvolvesse qualquer autonomia. O interesse pela educação surgiu com a perspectiva dos farroupilhas quase cem anos depois da colonização, onde a instrução era importante para a então Província de São Pedro desenvolver-se, sendo de qualquer forma ainda uma educação rígida, autoritária com métodos repressores e utilizados pelos pouquíssimos professores que se dispunha, em condições materiais precárias.

Àquela época, a maioria dos professores não possuíam preparo pedagógico para lecionar. Eram escolhidos entre pessoas idôneas e que reunissem um certo grau de conhecimento. (DILL, 1994, p.114)

Em nosso estado, como também atendemos aos interesses da época passamos a tratar o ensino após o advento da República sob uma ótica positivista, direcionada pelas concepções políticas da autoridade do momento.

Segundo Dill (1994):

A linha norteadora da educação escolar era desenvolver a disciplina, a energia, o espírito de ordem, a reflexão, o patriotismo, ou seja, a formação do caráter do educando. Ao professor competia inspirar em seus alunos o amor ao trabalho e aos estudos; desenvolver-lhes os sentimentos do bem e da virtude, além da consciência dos deveres cívicos.

Dentro dessa filosofia positivista nosso estado atravessou períodos onde no campo da educação desde a Colônia até o Império onde as principais características forma de um ensino intelectualizado, humanístico e na primeira república já buscando a integração à sociedade e a preparação para o trabalho, mas levando em conta as competências individuais e assim, mesmo indo contra o autoritarismo do governo, mas estando de acordo com a filosofia positivista.

No sistema estadual de ensino, as idéias básicas retiradas do positivismo referiam-se à atenção dada à formação moral, ao civismo, aos aspectos pragmáticos do ensino e, sobretudo à ênfase nas ciências... A contar de 1930, oscilou entre os interesses das camadas populares que exigiam mais educação escolar e o interesse das classes dominantes que procuravam manter certo grau de seletividade, oportunizando ascensão apenas aos mais capazes. (Dill, 1994 p.129)

Relacionando a educação aos interesses sócio econômicos em que estamos todos inseridos, pode-se perceber o quão é relevante essa influência e o quanto induz a educação nas suas propostas pedagógicas de formação dos educandos. Não podemos dissociar a educação da sociedade assim enquanto analisarmos uma, estaremos passando por aspectos da outra. Numa visão mais geral, Karl Marx, embora não desse um tratamento específico para a educação em seus estudos, já questionava através de outras reflexões filosóficas e econômicas a influência da educação nos indivíduos da sociedade e vice-versa. Marx trazia questionamentos a respeito da formação de sujeitos alienados, sem opinião, sem entendimento de sua importância no contexto social, estranho a si mesmo, justamente em contrariedade ao sujeito autônomo. Marx) nos diz:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadoria; produz também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens. (MEZSAROS, 2005)

Considerando a escola uma expressão das atividades e direcionamentos da sociedade, num paralelismo entre a sociedade criticada por Marx onde o professor é o empregado-trabalhador e os alunos o produto, teremos o mesmo ciclo capitalista, pois o professor é orientado, preparado, coagido assim a reproduzir os sistemas. E ainda, mantendo como seu status o conhecimento que “detém”, tornando o aluno um estranho e um objeto de sua alienação, o professor recompensa seus alunos atribuindo-lhes notas e conceitos que podemos comparar com um salário.

A burocracia visa controlar o trabalho e as formas de pensar, cuja principal característica é o segredo, o mistério como uma atividade fechada. Idolatra a autoridade e exalta regras rígidas, conservando tradições. A abertura do espírito ou das mentalidades em relação ao Estado aparece conseqüentemente como uma traição deste mistério, a apesar de a autoridade se tornar o princípio do seu saber, e a idolatria da autoridade ser o seu espírito. (MEZSAROS, 2005)

Na sociedade analisada por Marx, a perspectiva era de mulheres e crianças levadas a trabalhar, onde a condição humana foi suplantada e a miséria não só material, mas ética e moral, estabelecida. A escola reprodutora desse sistema conduziu os alunos como um produto a ser elaborado pelo empregado-professor, sem levar em consideração o universo sócio cultural desses alunos, cabendo aqui apenas uma educação que os estagnasse em sua fase de heteronomia, sem procurar desenvolver sua autonomia, provando-os assim de perceber mais tarde, quando adultos os interesses de sua classe. Marx através dessa sua reflexão teórico prática nos leva a pensar na necessidade de uma educação com responsabilidade social, humanizadora, respeitadora dos diferentes modos de pensar e de se expressar, ou seja, uma educação para a autonomia.

A doutrina materialista relativa à mudança de circunstâncias e à educação esquece que elas são alteradas pelo homem e que o educador deve ser ele próprio educado. Portanto, esta doutrina deve dividir a sociedade em duas partes, uma das quais (os educadores) é superior à sociedade. A coincidência da mudança de circunstâncias e da atividade humana ou da auto-mudança pode

ser concebida e racionalmente entendida apenas como prática revolucionária. (MEZSAROS, 2005)

A educação passou por esse período absolutamente tecnicista, onde buscava formar pessoas preparadas para o mercado de trabalho, atendendo aos apelos capitalistas da indústria que se expandia pelo mundo. O contexto era de manipulação, obediência e respeito aos mais bem sucedidos, ou seja, àqueles que detinham o poder. Esse poder significa dinheiro, status, classe social “elevada”. A partir de estudos psicológicos, pedagógicos e da pediatria, com suas intervenções no campo educacional é que surgem novos sentidos para a infância e um grande interesse por seu desenvolvimento, gerando o reconhecimento de suas especificidades, da diferenciação entre crianças e adultos na forma de aprender por causa das fases do seu desenvolvimento. A partir de 1930, com a chegada da Escola Nova e o começo da industrialização que gerou uma grande expansão das cidades e conseqüentemente do ensino, aconteceram mudanças na educação, que passou a ser vista como um processo de desenvolvimento, porém não havendo grandes modificações na qualidade de ensino. Esse fazia da escola um meio de formar o caráter moral, reforçar o ideal nacionalista e incitar ao trabalho, estando ligado às diversidades regionais de desenvolvimento econômico.

A proposta da Escola Nova é de uma educação popular com a socialização dos conhecimentos, buscando na organização comunitária a força para superar as heranças políticas, econômicas e religiosas que tanto influenciam as diretrizes. O precursor desse movimento foi o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. Organizado e criado por 26 intelectuais brasileiros o Movimento reconhece a ação da escola sobre o indivíduo bem como a necessidade de valorizar e respeitar suas aptidões naturais, onde o mais importante que a classe social é o lado humano de cada um, perfazendo assim um direcionamento para a importância do incentivo ao desenvolvimento da autonomia já nas crianças.

Paulo Freire, um dos maiores defensores de uma pedagogia direcionada ao desenvolvimento da autonomia através da educação, nos trouxe muitas contribuições nesse campo, através de suas reflexões podemos perceber a importância desse tipo de pedagogia para uma sociedade que almejamos. Para Freire, o professor pode auxiliar seus alunos a construir a autonomia do seu saber, mas necessita estar bem preparado para isso.

Devo deixar claro que embora seja meu interesse central considerar neste texto saberes que me parecem indispensáveis à prática docente de educadoras ou educadores críticos, progressistas, alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores. São saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora. (FREIRE, 1996, p. 23-28)

Freire nos diz que o homem é um ser inacabado, em constante construção e que para ele tornar-se um ser autônomo precisa ter consciência disso, não por isso com um fim pré estabelecido, determinado por fatores externos. É preciso tomar conta do nosso trabalho, valores, cultura, de nossa própria existência, suplantar a fase da heteronomia. Quando o homem percebe a totalidade de ser humano os fatores que envolvem sua plena existência no mundo, quando passa a fazer parte conscientemente da sua história, que se escreve e que participando pode fazer a diferença, aí está exercendo sua autonomia. É muito importante o papel do professor na transição da heteronomia para a autonomia já que em casa as crianças aprendem apenas a obedecer, por respeito, imposição ou repressão e assim o fazem por que aprenderam que devem fazê-lo, por medo, por afeto aos pais e não são incentivadas ao questionamento, à reflexão de porque deve seguir estas e aquelas regras. O professor em seu contato diário e constante com a criança pode ser grande incentivador do desenvolvimento da autonomia desde muito cedo, mesmo que saibamos ser um processo para a vida toda e que alguns adultos ainda vivem conflitos internos entre sua heteronomia e sua autonomia quando entra em cena a vontade, o desejo.

Segundo Freire (2000 p.120-127):

O que é preciso, fundamentalmente mesmo, é que o filho assuma eticamente, sua decisão, fundante de sua autonomia. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas... O educador que busca criar condições para que seus alunos criem sua própria autonomia e que não quer ter uma prática autoritária, deve saber escutar.

O professor que educa para a autonomia é a própria realização do que pretende, ele sustenta sua argumentação na prática exemplar, ou seja, age de acordo com aquilo que fala. Numa educação para autonomia não há espaço para preconceitos ou discriminações, nem para um retrocesso histórico onde a educação seguia todos os preceitos da classe dominante. A educação sonhada pelos pioneiros em 1930 vem se fortalecendo, embora a passos lentos venha buscando desenvolver melhor o ensino, para que ele vise fortalecer a estima positiva através do reconhecimento das contribuições que cada um tem a oferecer no contexto social. Além disso é necessário estabelecer uma comunicação que nos permita fazer trocas de experiências, de conhecimentos, pois que todos temos a aprender como a ensinar algo e essa troca só acontece perante a nossa receptividade.

Na medida em que tenho mais e mais clareza a respeito de minha opção, de meus sonhos que são subjetivamente políticos e adjetivamente pedagógicos, na medida em que reconheço que, enquanto educador, sou um político, também entendo melhor as razões pelas quais tenho medo, porque começo a ver as consequências desse tipo de ensino. Pôr em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do estudante necessariamente trabalha contra alguns mitos, que nos deformam. Esses mitos deformadores vêm da ideologia dominante na

sociedade. Ao contestarmos esses mitos também contestamos o poder dominante.(FREIRE,1987,p.67)

A autonomia presume que se respeite a todos em sua dignidade, como ser humanos que somos, em busca de uma melhor qualidade de vida. Mas acima de tudo, é importante que todos sejam tratados de forma igualitária, porém com entendimento de que temos, cada um, especificidades, histórias, saberes próprios e únicos e que, portanto precisamos estar atentos para não retornarmos aos tempos do autoritarismo doutrinador de indivíduos alienados.

3. A capoeira como instrumento pedagógico na construção da autonomia

Percebe-se uma certa confusão entre as pessoas sobre o que é a capoeira afinal: luta, jogo, esporte, dança? Na realidade a única luta brasileira não pode ser conceituada em apenas um desses aspectos, pois engloba todos e muitos mais. Historicamente a capoeira está relacionada à luta dos escravos africanos por sua libertação.

Ribeiro (1992, p. 26) diz que:

Ouviu-se falar da capoeira durante as invasões holandesas, em 1624, quando escravos e índios, aproveitando-se da confusão gerada, fugiram para as matas.

A essência da capoeira vem dessa luta pela liberdade, da resistência à dominação e que hoje disfarçada em dança e brincadeira é utilizada também como jogo nas escolas do mundo inteiro. A capoeira é uma das manifestações culturais brasileiras mas é a única na modalidade esportiva. Por sua gama de movimentos corporais, a expressividade que apresenta relacionada às variadas músicas e ritmos a capoeira pode ser confundida com uma dança e muitos a vêem como tal.

"Enquanto instrumento de educação, a capoeira apresenta-se com amplas possibilidades quanto à formação do homem contemporâneo, principalmente no que se refere à integração dos aspectos físicos, psicológicos e social, bem como quanto ao sentimento de brasilidade, indispensável ao exercício crítico da cidadania". (Sérgio Graça, Plano Nacional de Capoeira, SEED/MEC, 1997)

Quando se fala em capoeira é preciso citar José Tadeu Carneiro Cardoso, mais conhecido como Mestre Camisa, que nasceu em Jacobina, na Bahia, e aprendeu a arte da Capoeira nos anos 60 com seu irmão mais velho, Camisa Roxa. Em 1972 foi morar no Rio de Janeiro, onde começou a dar aulas em academias e a pesquisar a capoeira para desenvolver o seu próprio estilo e método de ensino.

Mestre Camisa fundou a ABADÁ-CAPOEIRA, um grupo que hoje já possui uma expressiva representatividade em diversos países do mundo, tais como Estados Unidos, México, Canadá, Alemanha, França, Dinamarca, Inglaterra e Israel. Mestre Camisa é considerado um dos mestres capoeiristas mais técnicos e disciplinados da capoeira.

Atualmente, cerca de 30 mil discípulos seguem sua filosofia, doutrina, normas e fundamentos. Mestre Camisa em entrevista, diz:

A capoeira cresceu como arte. Enquadrá-la simplesmente como um esporte é empobrecê-la. A capoeira é um universo complexo, e se formos abandonar alguns aspectos só pra levar a capoeira para as Olimpíadas, eu sou contra. A capoeira é redonda, o esporte enquadra. Só podemos pensar em transformá-la em modalidade esportiva oficial se conseguirmos fazê-lo de modo que não sejam abandonados os princípios fundamentais. (Jornal A Tarde, 2007)

Existem muitas pesquisas sobre a capoeira que começaram a aumentar a partir dos anos oitenta, resultando em diversos livros, artigos, monografias dissertações, teses confirmando o interesse de pesquisadores em história, antropologia, sociologia, pedagogia e tantas outras áreas da educação em que a capoeira tem contribuição. Freitas (2003, p.11) nos diz que:

Resta-nos acreditar que a capoeira pode e deve ser estimulada e propagada na escola, não só por todos os fatores aqui relatados ou pela ludicidade tão presente e aparente, mas pela essência histórica e cultural que expressa toda a identidade de um povo.

Após quatro séculos de escravidão é impossível falar da capoeira e não colocá-la também como uma forma de lutar contra a exploração, a verdadeira expressão da luta daqueles escravos contra a opressão a que eram submetidos, conscientes de sua condição mas em busca de sua autonomia, de poder decidir o que fazer de suas vidas é que os africanos e seus descendentes criaram e utilizaram a capoeira e que continua sendo símbolo de resistência e de resgate cultural. Mestre Camisa, em sua participação no 1º simpósio À arte e a capoeira, na UNICAMP, nos diz que a capoeira vem se desenvolvendo como arte, cultura e também serve como ferramenta de socialização participativa:

“Ela contribui na formação do indivíduo como cidadão brasileiro e o faz conhecer a sua verdadeira história...A capoeira é brasileira. O Brasil é o maior pólo de capoeiristas do mundo. É daqui que eles saem para ensinar a arte em suas diversas áreas”, afirmou Mestre Camisa. (UNICAMP, 2010)

A história da capoeira confunde-se com a história do Brasil que após a colonização portuguesa trouxe para cá milhões de africanos trazidos de diferentes reinos, nações e grupos étnicos onde tinham também diferentes línguas e costumes, e Os primeiros documentos sobre

a capoeira são do Séc. XIX, .Nesse sentido a capoeira com sua linguagem corporal foi utilizada como linguagem e forma de comunicar-se, unindo-os pelos mesmos objetivos.Além disso não há registros da existência da capoeira na África daquele tempo. Por esses aspectos acreditamos que a capoeira foi criada e surgiu em terras brasileiras._Mestre Camisa em entrevista ao jornal A Tarde nos diz:

A capoeira é uma manifestação afro-brasileira. Os africanos são os avós da capoeira, mas até que me provem o contrário, a capoeira foi criada no Brasil. E se o digo com tamanha convicção é porque pesquisamos. Temos um projeto chamado “Em busca das raízes”. Rodamos a África inteira, Angola, África do Sul, Guiné-Bissau, Senegal, Cabo Verde e ouvimos muitos estilos musicais com o berimbau, vimos muitas lutas e acrobacias parecidas com a capoeira, mas nenhuma delas igual à capoeira, nenhuma delas com a associação entre o jogo e o toque do berimbau como existe na capoeira. (Jornal A Tarde, 2007)

Com a abolição da escravatura em 1888, muitos negros libertos foram viver a margem da sociedade e alguns na rua fazendo pequenos serviços e utilizando a capoeira de modo indevido, o que gerou medo na população e resultou na proibição de sua prática com base no Código Penal da República em 1890. Durante anos a capoeira foi reprimida e seus praticantes se pegos no ato eram levados à prisão. A capoeira difundiu-se principalmente na Bahia, Rio de Janeiro e no Recife, principais destinos dos africanos trazidos para a escravidão. No Rio de Janeiro eram utilizados como militares e numa estratégia para terminar com os capoeiristas foram enviados para a Guerra do Paraguai, porém voltaram de lá heróis. Nesse período não existia a capoeira como vemos hoje pois não faziam a roda, não utilizavam música nem cantos. Já na Bahia a capoeira chamada de vadição é comparável ao jogo de futebol aos domingos, a pelada.Comumente praticada nas ruas,era ensinada por parentes e amigos, de geração para geração, uma característica muito forte da cultura africana na qual a tradição oral preserva a memória e transmite o conhecimento, tendo tanto valor quanto a escrita.

Movimentos de tradições muito antigas eram repetidos numa dança/luta que se desenvolvia na América portuguesa.Preservava-se a memória dos antepassados.Ensinava-se aos mais novos de onde tinham vindo.Anunciava-se aos que chegavam as difíceis condições de vida que teriam pela frente e as formas de sobreviver e de lutar.(CAMPOS, et. al., 2002)

No Recife a capoeira deu origem ao frevo pelos movimentos que os capoeiristas faziam em frente as suas bandas, gingando exibindo-se e praticando a capoeira no intuito de intimidar

os grupos inimigos. Os golpes da luta viraram passos de dança, embalados inicialmente, pelas marchas e evoluindo junto com a música do frevo.

Embora na Bahia a repreensão policial tenha sido menor que no Rio de Janeiro, houve confrontos entre os capoeiristas pelas rivalidades entre os grupos e com a polícia em episódios de violência. Nessa época destacaram-se capoeiristas da hoje chamada capoeira Angola, como Mestres Pastinha, João Pequeno, João Grande, Waldemar da Paixão, entre outros. Dissemos hoje porque naquela época só havia a capoeira, surgindo mais tarde o termo “Angola” para diferenciá-la da capoeira criada em 1928 pelo Mestre Bimba, denominada por ele como “Luta Regional Baiana”.

Na época a Capoeira *Angola* caiu, usava-se apenas para demonstrações coreográficas de efeito prático. Mestre Bimba foi um grande pioneiro, e é com ele que a Capoeira é oficializada pelo governo como instrumento de Educação Física, conseguindo em 1937 certificado da Secretaria da Educação. Foi o primeiro capoeirista em todo o Brasil na turbulenta *história da Capoeira* a exibir seus discípulos num palácio governamental. (GRAÇA, 2010)

Era o governo de Getúlio Vargas, um presidente que buscava conquistar a simpatia do seu povo através da valorização da cultura popular quando se abriu a primeira academia de capoeira do país tirando assim a capoeira das ruas e sistematizando seu ensino em espaços próprios para tal. A partir daí a capoeira não parou mais de crescer e foi sendo levada a escolas, palcos, instituições, universidades, centros de pesquisa pelo mundo todo.

Falcão (1995, p. 175) comenta que:

Com a criação da capoeira regional, mestre Bimba conquista autoridades e profissionais liberais para conseguir e manter essa conquista, o referido mestre retira a capoeira do terreiro e a coloca em recinto fechado, nas academias, possibilitando a participação de camadas sociais superiores.”

Atualmente a capoeira é utilizada nos currículos das faculdades públicas e privadas, como atividade na disciplina de Educação Física escolar, no trabalho com portadores de necessidades especiais, é ensinada em clubes, academias, associações de bairros, escolas, universidades, creches, e nos mais diferentes espaços. É assunto divulgado nas diferentes

mídias, gerou livros, filmes, espetáculos, jornais, CDs de música e com os estudos realizados originou a hidrocapoeira e a aero capoeira, modalidades de ginástica utilizando movimentos da capoeira. Freitas (2003, p.11) comenta:

Mas as coisas mudam, as informações andam cada vez mais rápido e se propagam de forma assustadora. E assim aconteceu com a capoeira, que da mesma maneira adentrou recintos antes proibidos como condomínios e clubes eletrizados, grandes empresas, projetos sociais, universidades e ainda num dos grandes meios divulgadores desta arte: a escola.

A capoeira ultrapassou todas essas barreiras e evoluiu com o tempo e com os estudos mas manteve seus elementos culturais, suas tradições. Freitas (2003, p.11) nos diz que:

A capoeira conseguiu provar que através de profissionais comprometidos, pode ser articulada à relação ensino-aprendizagem e contribuir muito para a aquisição do saber construído na formação de cidadãos críticos e responsáveis.

Para entender melhor como funciona a capoeira trouxemos alguns desses elementos:

- A ginga: elemento primário da capoeira, é a base para os outros movimentos. O nome é uma homenagem à rainha N'Zinga Bandi, rainha da nação Bantu e que liderou seu povo na luta contra a opressão dos conquistadores portugueses.
- Os instrumentos: berimbau, instrumento de origem africana (que comanda a roda, ditando as características do jogo ao mostrar o ritmo) podendo ser até três, e que foi associado à capoeira no final do século passado; pandeiro (podendo ser até dois), possivelmente de origem hindu e trazido ao Brasil pelos portugueses; o atabaque, instrumento oriental muito utilizado na África porém trazido para cá também pelos portugueses e foi incorporado a capoeira bem mais tarde mas não sendo indispensável para o jogo; agogô de origem africana mas não se sabe qual dos povos o trouxe para o Brasil, feito de ferro e também de coco; e o reco reco também africano feito de bambu.
- A música com canto e palmas, que traz mensagens aos participantes, incentiva os capoeiristas e contribui no ritmo da roda.
- A roda constitui-se num círculo de pessoas uma ao lado da outra, com os instrumentos ao centro, onde os que não estão jogando cantam, tocam ou batem palmas, de alguma forma contribuindo.
- As tradições: apelidos, batizado, fundamentos de jogos e de toques, etc.
- O Mestre, visto como um líder que orienta, coordena, direciona as atividades da capoeira e que assim como na tradição africana deve ser extremamente respeitado por sua experiência a qual normalmente repassa de forma oral.

Sendo assim tão rica, a capoeira traz nela o potencial para contribuir com a pedagogia de diferentes maneiras, especialmente com relação à construção da autonomia.

A capoeira é um conteúdo que pode ser contemplado na escola pelos seus múltiplos enfoques, que possibilitam, a luta, a dança e a arte, o folclore, o esporte, a educação, o lazer e o jogo. A mesma deve ser ensinada globalizadamente, deixando que o aluno identifique-se com os aspectos que mais lhe convier. A sua prática na escola possibilita o desenvolvimento de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, como autonomia, cooperação e participação social, postura não preconceituosa, entendimento do cotidiano pelo exercício da cidadania, historicidade etc. (SOUZA E OLIVEIRA, 2001, p. 43 a 50).

A autonomia está presente desde a construção histórica da capoeira inclusive em suas atividades já que ela surgiu das lutas de uma classe marginalizada por seu espaço e direitos e mesmo contrariando as culturas dominantes da sociedade veio resistindo ao tempo e à repressão mantendo seus fundamentos e seus propósitos inclusive em contraproposta as outras atividades físicas utilizadas nas escolas, de origem europeia ou norte americana.

É importante observar, ainda, que a maioria das culturas de movimento muitas delas transformadas em modalidades desportivas conhecidas e praticadas nas escolas, sempre esteve vinculada aos extratos dominantes da sociedade, ao contrário da capoeira, uma manifestação que surgiu no bojo das camadas menos favorecidas da população (KUNZ, 1998, p. 69).

A partir das perspectivas dos Parâmetros Curriculares Nacionais surgem novas propostas metodológicas que buscam proporcionar o pleno desenvolvimento do aluno, inclusive com a construção da autonomia, da colaboração e da solidariedade através das atividades físicas. Com essas propostas podemos relacionar a capoeira, pois através da liberdade de expressão que cada aluno tem ao entrar na roda, pode escolher que movimentos vai executar sem uma determinação prévia, refletindo e decidindo.

É adotada também uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. Na roda da capoeira, essa autonomia é proporcionada aos alunos no próprio jogo, no qual o “jogador” tem a liberdade de se expressar.

Além disso, a capoeira não estipula quem vai participar. Podem jogar pessoas de qualquer opção sexual, etnia, de diferentes características físicas, sociais, culturais ou religiosas entre outros aspectos. Por isso trabalha um dos princípios a que se destina a educação através do desenvolvimento da autonomia que é valorizar a todos de forma igualitária respeitando suas diferenças, sem discriminações ou preconceitos, considerando o que cada indivíduo pode oferecer como contribuição ao meio social e ao seu crescimento pessoal.

A cooperação e a participação social são despertadas na medida em que os alunos forem tomando ciência de que, na roda, todos são importantes. Para uma roda de capoeira ter um desenvolvimento satisfatório, todos precisam participar; apenas dois jogam de cada vez, mas são necessários os tocadores, os cantadores e os que batem palma e respondem ao coro. Este conjunto sincronizado e atuante é que faz a roda ter um bom desenvolvimento. (Souza e Oliveira, 2001)

Segundo Piaget as crianças passam por diferentes tipos de compreensão em relação às regras durante seu crescimento, isso está ligado às fases de seu desenvolvimento cognitivo como já dissemos nos capítulos anteriores. Quando começam a considerar a intencionalidade de seus atos dentro da roda da capoeira, ao decidirem que movimento vão fazer estão constituindo sua moral autônoma. Ainda precisam da orientação de um adulto para desenvolver esse senso crítico e essa intervenção é feita constante e continuamente pelo professor de capoeira que sabe da necessidade de agir de forma cooperativa para o bom andamento da roda, afinal para se jogar capoeira é preciso duas pessoas. A relação de afetividade que se elabora junto aos colegas justamente por precisar deles para jogar capoeira, mais a satisfação de aprender algo tão lúdico podem ser molas propulsoras na escolha de condutas morais. A capoeira desafia o tempo todo aquele que a pratica, proporcionando a reflexão, colocando em questionamento as convicções dos alunos, a tomada de consciência das escolhas feitas e elaborando os princípios de autonomia.

Ficou bem claro pelos depoimentos dos alunos e professores que a capoeira é um instrumento que interfere concretamente na formação dos indivíduos. (...) A música, a arte, o desafio da luta, a ludicidade, a exibição, a convivência em grupo, são elementos que

despertam muita atenção, principalmente dos jovens. Nesse sentido, a prática sistematizada e freqüente da capoeira pode exercer grande influência no comportamento dos indivíduos. (...) Em síntese pode-se perceber que a capoeira consegue fascinar seus praticantes. Ela é uma caixa de surpresas, reflete contradições e ambigüidades e representa para muitos alunos algo muito forte capaz de interferir na mudança de comportamentos. (FALCÃO, 1996, p.125-129).

Tomar decisões por si próprio é à base da autonomia, mas isso não significa liberdade total. Autonomia é a capacidade de decidir após analisar todos os fatos importantes e aí sim, tomar uma atitude. A capoeira possibilita aos alunos interagir o tempo todo com outras crianças e desenvolver seu potencial criativo, suas potencialidades não só na roda mas também durante a aula propriamente dita. Por exemplo, na roda de capoeira existe o momento em que se pode “comprar” o jogo da dupla que já está jogando retirando um dos colegas e continuando o jogo com o que ficou. O seu direito de participar da roda é respeitado e ela precisa respeitar o momento dos colegas, pois fica entendido que se ela comprar o jogo muito rapidamente o colega que saiu será prejudicado e se ela comprar com o que deveria sair ele jogará mais que o outro. Esse entendimento pode ser feito numa discussão prévia ou através da experimentação, quando a criança passa por uma situação onde se sinta “prejudicada” por ter jogado menos e assim passa-se a fazer uma reflexão do ocorrido. Demonstramos o respeito pelos seus direitos e ao mesmo tempo a criança participa da construção das regras onde está vinculado o respeito ao próximo.

Viver conscientemente através da capoeira é estar atento aos estímulos nela presentes Para guiar o comportamento através dessa percepção. É sensibilizar-se para se perceber, para perceber o outro e para perceber o mundo num contexto de realidade e responsabilidade, conduzindo as ações da forma mais adequada à sua própria natureza. (CORDEIRO, 1998, p.44).

Como vimos anteriormente, a capoeira passou por um longo processo de repressão superando as dificuldades que se impunham e chegando ao estágio em que se encontra, incentivando mais ainda a busca de um referencial próprio ao sujeito e a formação de uma pedagogia para o social. Como também salientado em capítulo anterior, a escola foi criada como forma de manter separadas as classes operária e burguesa, onde os operários tinham que fazer e os burgueses, pensar. Dessa forma a classe burguesa sendo a mais esclarecida obviamente era a dominadora. Ora, a capoeira por si só traz como herança africana o aprender pela prática, contextualizando as experiências vividas com as histórias ouvidas os capoeiristas vão interiorizando a necessidade de refletir, de pensar no porque estamos agindo

assim e se necessário e melhor for, tomar outro tipo de atitude. Segundo o mestrando em educação pela UFBA Jean Adriano (ADRIANO, 2008):

A partir da análise deste estudo podemos inferir que a capoeira possui elementos que potencializam ações para a construção de uma pedagogia social e, conseqüentemente, de um modelo escolar infantil revolucionário, com nexos na totalidade que responderá aos problemas da classe operária buscando as raízes das injustiças sociais, garantindo pensar e fazer uma escola que seja educadora do povo superando a visão de que a escola é apenas um lugar de ensino, ou de estudo dos conteúdos, por mais revolucionários que eles sejam.

A capoeira hoje é praticada em mais de cento e trinta países do mundo e nos tempos de internet a globalização é uma realidade irrefutável, permitindo aos alunos capoeiristas à troca de conhecimentos e informações com as mais diferentes culturas e formas de sociedade partindo do interesse pela capoeira e que é também uma grande rede social. Desta maneira, vivencia, convive, respeita e aceita os diferentes modos de ser e de pensar das outras pessoas e também tem as suas características respeitadas.

4. Aspectos metodológicos

Este trabalho apoiou-se em uma pesquisa qualitativa com a qual procurei identificar aspectos da capoeira que pudessem contribuir de maneira positiva ou negativa no desenvolvimento da autonomia dos alunos, vindo a colaborar na prática pedagógica.

Com base na fundamentação teórica levantada neste estudo e também trabalhada ao longo do curso, observei e registrei as experiências realizadas com os alunos, compondo um diário de campo que utilizei como registro nos procedimentos metodológicos.

Acredito que a soma dessas vivências com os alunos e a teoria estudada, aliadas à minha experiência adquirida durante 22 anos de prática de capoeira, deram a base necessária para a realização dessa pesquisa.

A pesquisa foi realizada em uma turma de 4º ano, com três alunos com idade entre nove e dez anos de uma escola estadual de ensino fundamental no município de Porto Alegre. De acordo com Bogdan e Biklen (1994):

Depois de voltar de cada observação, entrevista, ou qualquer outra sessão de investigação, é típico que o investigador escreva, de preferência num processador de texto ou computador, o que aconteceu. Ele ou ela dão uma descrição das pessoas, objectos, lugares, acontecimentos, actividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registrará idéias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem. Isto são notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo (p.150).

Os alunos foram escolhidos por apresentarem grande dificuldade em construir sua autonomia ou demonstrarem qualquer indício de estarem iniciando essa construção. Essa dificuldade foi percebida nas práticas em sala de aula durante alguns meses de acompanhamento destes alunos. Embora sua idade corrobore com o período em que as crianças, estando no estágio operatório concreto já poderiam estar considerando o outro em suas decisões, continuavam agindo com egocentrismo.

A coleta de dados foi feita durante seis semanas, dois dias por semana e em cada dia quarenta minutos de atividade envolvendo a capoeira.

Minhas reflexões estão pautadas nas observações e minhas reflexões foram feitas a partir de registros em diário de campo, das produções escritas e de diálogos dos alunos. A partir dessas observações destaquei alguns desses fatos e diálogos que acredito serem mais relevantes.

É pertinente relatar que durante o projeto que desenvolvi, procurei propiciar situações conflitantes onde os alunos pudessem desenvolver sua autonomia colocando-se no lugar do outro, pensando possibilidades e tomando decisões. Freire (2000) já nos coloca a importância de nosso papel enquanto educadores na construção da autonomia e o quanto precisamos estar abertos as idéias dos alunos para que isso aconteça. Segundo Freire (2000 p.120-127):

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas... O educador que busca criar condições para que seus alunos criem sua própria autonomia e que não quer ter uma prática autoritária, deve saber escutar.

Ao elaborar o projeto de estágio considerei o diagnóstico do estágio de desenvolvimento que a turma se encontrava e das necessidades a serem supridas à partir daí. Procurei planejar bastante situações onde questões envolvendo a autonomia estivessem presentes, assim sempre buscando o diálogo e ouvindo as opiniões dos alunos. Conforme Kamii (1986, p. 70), para Piaget:

Os adultos reforçam a autonomia natural da criança quando usam recompensa e punição; eles incentivam o desenvolvimento da autonomia quando trocam pontos de vista com as crianças.

Identifiquei o quanto os alunos escolhidos tinham dificuldades com sua autonomia nas relações com os colegas em atividades realizadas. Numa dessas atividades, estavam na cancha esportiva e ocorreu uma situação para os alunos resolverem. Estando todos realizando um jogo divididos em duas equipes, onde ganhava a equipe que acertasse mais vezes uma bola num cesto num período de cinco minutos. Aconteceu da aluna B por três vezes não conseguir realizar a tarefa, não querendo passar a vez para o seguinte colega da fila. Destaco o seguinte diálogo:

Aluno A: "Tira essa guria daí! Deixa eu! Deixa eu!" Aluna B abraçando a bola : "Ah não! É minha vez!" Equipe: "Ah sora, assim a gente vai perder!" Coloquei que nem todos conseguirão acertar de primeira, e o que fazer nesses casos. Alguns sugerem um número de tentativas e pergunto quantas para cada aluno. Uns sugerem máximo três vezes, outros acham melhor duas. Alunos A e C não concordam. Aluno A diz: "Ah não! Errou sai fora!" Aluno C diz: "A gente joga só com que consegue acertar então." (Diário de campo, 20/04/10)

Nessa situação os alunos A e C demonstram não ter percepção da importância das regras para que todos possam participar de igual forma, e nem se colocam no lugar da colega que tem

dificuldades em executar a tarefa mas que tem direito a jogar como todos os outros. Vimos a partir de Kamii (1992) que para haver uma vivência concreta de cidadania e construirmos uma educação para a educação é fundamental o pensar no outro, considerar que somos parte de um todo e que é preciso estimular essas concepções através do desenvolvimento da autonomia. Segundo Kamii (1992, p. 72), “essência da autonomia é que as crianças se tornem capazes de tomar decisões por elas mesmas. Autonomia não é a mesma coisa que liberdade completa. Autonomia significa ser capaz de considerar os fatores relevantes para decidir qual deve ser o melhor caminho da ação, de agir da melhor forma para todos. Não pode haver moralidade quando alguém considera somente o seu ponto de vista. Se também considerarmos o ponto de vista das outras pessoas, veremos que não somos livres para mentir, quebrar promessas ou agir irrefletidamente”.

O que chamou minha atenção nesse episódio é que apenas esses alunos, A, B e C não buscaram o trabalho em equipe que era o proposto na tarefa, preocuparam-se apenas em satisfazer suas vontades pessoais, desconsiderando os demais participantes. No estágio de desenvolvimento que se encontram, segundo Piaget, começando processo de reflexão, de análise das situações e elaborando atitudes para serem tomadas frente a essas novas situações. Para Piaget (1923, p. 74):

Adaptar-se ao mundo social, como ao meio físico, é construir um conjunto de relações e situar-se a si próprio entre essas relações graças a uma atividade de coordenação implicando a descentração e a reciprocidade de pontos de vista.

A partir daí resolvi utilizar a capoeira como instrumento de desenvolvimento da autonomia experimentando construir novas relações interpessoais a partir de uma participação mais democrática dos alunos nas atividades propostas.

Início a aula propondo uma nova atividade. Pergunto o que sabem sobre a capoeira. Aluno A responde: “É dos escravos sora.” Aluno C diz: “É uma luta, a gente vai aprender? Bah vai dar prá dar um monte de chutes, vou te quebrar A!” Explico o que é a capoeira, que realmente tem a parte da luta, mas também um jogo e que como todo jogo precisamos preservar o colega para ter com quem jogar. Aluna B: “Ah mas a gente aprende a lutar só bater nos outros né sora?” (Diário de campo, 27/04/10)

Primeiramente percebi a confusão que existe entre as pessoas em geral a respeito dos propósitos da capoeira e que precisaria elucidar essa questão. Para trabalhar a autonomia através da capoeira precisei quebrar alguns preconceitos. Oliveira (2001) já nos fala da capoeira na escola “acapoeira é um conteúdo que pode ser contemplado na escola pelos seus múltiplos enfoques, que possibilitam, a luta, a dança e a arte, o folclore, o esporte, a educação, o lazer e o jogo. A mesma deve ser ensinada globalizadamente, deixando que o aluno identifique-se com os aspectos que mais lhe convier”.

Analisando o fato em si, percebi aqui um egocentrismo muito forte e o não entendimento do que é conviver em grupo. O desenvolvimento das crianças pode ser estudado em estágios, mas não significa que rigorosamente todos na mesma idade estejam no mesmo período pois cada um tem seu ritmo próprio. Conforme nos fala Piaget (1996), as regras morais também se estabelecem em estágios e mais importante precisam ser estimuladas para se desenvolverem. A criança desenvolve sua moral através de experiências morais e a escola é um meio para isso, pois nela as crianças vivem em grupo e experimentam situações de convivência social ligadas as regras morais.

Aluno A entra na roda de capoeira para jogar com um colega. Na primeira oportunidade o aluno A dá um golpe com intenção de acertar o outro. Parei o jogo e perguntei se ele gostaria que fizessem isso com ele. Aluno A respondeu: "Eu que tô, se fizer prá mim eu dou mais ainda." Então perguntei se ele estava gostando de aprender capoeira, se acredita que podemos jogar capoeira sozinhos e ele respondeu: "Eu gosto sora". "Tem que ter outro prá gente jogar." Estendi a discussão ao restante da turma e foram dizendo que ninguém gosta de apanhar, capoeira é prá gente se divertir, quando crescerem poderão fazê-la como luta. A aluna B disse: "Mas sora se é um jogo, tem que ter um ganhador". Perguntei se alguém ali gostaria de jogar um jogo com alguém que só pensasse em agredir para ganhar. O aluno C: "Claro que não né sora, eu ninguém gosta de apanhar e se a gente machuca o colega ele não pode mais jogar com a gente". (Diário de campo, 11/05/10)

Sabemos que a sociedade atual é extremamente competitiva e estimulante do individualismo, incentivando que vençamos a qualquer preço. As crianças são reflexo dessa realidade pois convivem com adultos e com a mídia que participam desse processo. Nesse sentido parece natural que num jogo é necessário haver um ganhador e também que se torne difícil desenvolver os trabalhos em equipe ou grupo na escola. A capoeira nos dá a condição de explorar diversas situações em que podemos levantar questionamentos a respeito de nossas atitudes em relação ao próximo e aos efeitos que podem ter no contexto geral, inclusive nos privando de certos benefícios e satisfações pessoais.

Nessa atividade especificamente fica claro a relação democrática que se pode estabelecer entre o educador e os educandos, quando questionados os alunos passam a refletir no que podem fazer sozinhos e naquilo que precisam fazer de forma colaborativa com os outros membros de seu grupo social.

A roda é o momento na capoeira que mais podemos fazer uso das questões relativas a autonomia, segundo Oliveira (2001), "a cooperação e a participação social são despertadas na medida em que os alunos forem tomando ciência de que, na roda, todos são importantes. Para uma roda de capoeira ter um desenvolvimento satisfatório, todos precisam participar..."

É interessante nessa situação que na capoeira estabelecemos uma relação de respeito mútuo, colaboração e podemos desenvolver ao conceito de coletividade na forma prática.

Utilizei garrafas plásticas no lugar de bastões, para ensinar o maculelê¹, colocadas dentro de uma caixa de papelão no centro da roda. Pedi que cada aluno pegasse duas garrafas e propositadamente faltaria para alguém. A aluna B ficou sem o material e os alunos A e C começaram a rir dela enquanto ela chorava. Acalmei a aluna e continuei a aula. Pedi que guardassem as garrafas na caixa e que o aluno A buscasse o berimbau. Enquanto ele ia fazer a tarefa, também propositadamente pedi que os alunos novamente pegassem as garrafas na caixa, assim quando A retornou não tinha garrafas para ele. O aluno ficou muito bravo e disse que não era justo, que agora ele não ia poder fazer maculelê. A aluna B: "Mas quando foi eu tu achou graça né?" (Diário de campo, 20/05/10)

Ao experimentar o mesmo sentimento da colega, o aluno A pode colocar-se em seu lugar e avaliar a situação sobre seu ponto de vista, percebendo o efeito de atitudes egoístas e individualistas. Se eu apenas tivesse repreendido o aluno A, ou outra solução que partisse apenas do meu julgamento ele não teria vivenciado a situação e estaria privado de refletir sobre o ocorrido. Desta forma eu estaria incentivando um comportamento heterônomo, baseado apenas na obediência por imposição.

Ao sentir-se injustiçado ao aluno A fez um questionamento e proporcionou ao grupo uma reflexão sobre o que tinha acontecido, que estendemos para a busca de possíveis soluções em que nenhum aluno ficasse sem participar pela falta de material. Através da vivência da colaboração os alunos desenvolveram o respeito mútuo, a solidariedade e a autonomia moral.

Conforme Piaget (1996, p.5) :

De modo geral se pode afirmar que o respeito unilateral fazendo par com a relação de coação moral conduz, como Bovet bem notou, a um resultado específico que é o sentimento de dever. Mas o dever primitivo assim resultante da pressão do adulto sobre a criança permanece essencialmente heterônomo. Ao contrário, a moral resultante do respeito mútuo e das relações de cooperação pode caracterizar-se por um sentimento diferente, o sentimento do bem, mais interior à consciência e, então, o ideal da reciprocidade tende a tornar-se inteiramente autônomo.

Com base nas palavras de Piaget, acima citadas, e refletindo mais especificamente sobre os comportamentos observados concluo que somente quando experimentamos alguma situação ou sensação é que podemos formar uma opinião e sensibilizarmo-nos em relação aos outros, decidindo a partir daí, que atitudes teremos. Autonomia é o autogoverno, é a “submissão do indivíduo a uma disciplina que ele próprio escolhe e a constituição da qual ele elabora com sua personalidade”(Piaget,1998).

Observei que os alunos estão compreendendo o processo da roda de capoeira, entram dois , não escolhem parceiros para jogar e analisam as possibilidades de movimentação, escolhendo as melhores opções para o momento. Aluno A tem incentivado os colegas mais tímidos a participarem e disse hoje: “Vai jogar meu, ninguém vai te machucar, é só um jogo”. Outra observação importante é que a aluna B foi comprar o jogo e um colega passou a sua frente, então o aluno A disse: “Não vale meu, é a vez dela. Todo mundo quer jogar.” (Diário de campo, 27/05/10)

É possível perceber nesse fato uma pequena transformação no que diz respeito a construção da autonomia. Quando os alunos estavam na roda jogando, escolhiam os movimentos procurando não acertar o colega e no sentido contrário, buscando evitar serem acertados utilizando a melhor alternativa para isso que era uma das esquivas que aprenderam. Durante o jogo passam o tempo todo desenvolvendo sua autonomia, pois tem que analisar a situação de forma prática e rápida e ainda levando em consideração o seu ponto de vista e o do próximo.

Para Cordeiro (1998) a capoeira possibilita viver conscientemente já que é preciso durante sua prática estar sempre atento aos seus estímulos e daí interagir e responder, “é sensibilizar-se para se perceber, para perceber o outro e para perceber o mundo num contexto de realidade e responsabilidade, conduzindo as ações da forma mais adequada à sua própria natureza”.

O aluno A, que no início do projeto só se interessava por suas próprias vontades demonstra agora preocupar-se com o todo, incentivando os colegas a participarem pois ele sabe que precisa deles para jogar capoeira. Por essa percepção do todo em que está inserido o aluno passa a interessar-se pelo bem estar dos demais e desenvolveu-se o respeito mútuo e a colaboração democrática.

Como vimos em Piaget (1998), “do ponto de vista moral a cooperação leva não mais a simples obediência às regras impostas sejam elas quais forem, mas a uma ética da solidariedade e da reciprocidade”. Essa moral caracteriza-se, relativamente em sua forma de ser, pelo surgimento de sentimentos que não dependem de ordens ou imposições mas do desenvolvimento da autonomia da consciência que passa a impor-se sobre as individualidades egocêntricas.

No exercício da roda, quando o aluno A procura assegurar o direito da colega B de participar, na verdade ele está colocando-se no lugar dela, pois todo mundo quer jogar. Segundo Falcão (1996), “a prática sistematizada e freqüente da capoeira pode exercer grande influência no comportamento dos indivíduos. (...) Em síntese pode-se perceber que a capoeira consegue fascinar seus praticantes. Ela é uma caixa de surpresas, reflete contradições e ambigüidades e representa para muitos alunos algo muito forte capaz de interferir na mudança de comportamentos”.

Ainda nessa atividade é possível perceber que os alunos analisados demonstram um maior respeito com os colegas, observando as regras coletivas e convivendo mais harmoniosamente.

5. Considerações

Esse trabalho buscou pesquisar as possibilidades existentes através das atividades relacionadas a capoeira que pudessem contribuir no processo de construção da autonomia das crianças na escola. Partindo do pressuposto de que a educação precisa desenvolver a autonomia moral e intelectual de nossos alunos, sobre o risco de termos uma sociedade cada

vez mais individualista, sem princípios éticos e com valores morais enfraquecidos, torna-se relevante que a pedagogia busque alternativas que permitam essa formação. Através dessa pesquisa procurei identificar os processos pelos quais a educação já passou e o quanto está interligada aos fatos sociais, históricos, políticos e econômicos de um povo. Sempre acompanhando os interesses vigentes no período em que acontece, a educação já ignorou nas crianças o direito à infância. Hoje em dia, após muitos estudiosos de diversas áreas demonstrarem interesse e fundamentação, a educação tem para com nossas crianças um outro propósito e percebe-se a importância do ambiente escolar e das atividades exercidas em seu espaço para a formação dos cidadãos que integrarão as futuras gerações e que ocuparão o mundo em seguida.

Assim o professor, embora ainda reprodutor de um sistema ao qual está atrelado por também ser “social”, passa a ter um novo papel, o de facilitador da aprendizagem. Deixamos de ser detentores do conhecimento, fonte de poder, para interagir com os alunos no processo de aprendizagem de novos conhecimentos.

Ainda tratando dos propósitos da educação, a preocupação com que tipo de pessoas nós educadores formaremos, focamos em construir sujeitos mais autônomos, capazes de refletir, escolher e decidir por si próprios e buscando levar em conta o meio ao seu redor. Através dessa trabalho percebi que a autonomia é construída de dentro para fora, a partir do momento que se toma conhecimento do outro ao nosso lado (novo objeto) e de que não se é único no espaço em que se vive, saindo do pensamento egocêntrico para o pensamento descentrado.

Segundo os estudos de Piaget (1923) a criança necessita de quatro etapas para construir um novo conhecimento: Interagir-se com o objeto novo, vivenciar uma situação desequilibrante em relação a esse objeto, buscar alternativas para organizar essa nova situação, ou seja, refletir e finalmente apreender o conhecimento formado a partir daí.

Quando se percebe o contexto que está inserido, passando a considerar o outro em suas decisões a criança também percebe que para vivermos bem em grupo, com outros sujeitos, precisamos das regras e dos limites. Essa construção de regras, a percepção de nossas possibilidades, de nossos limites, da consequência de nossas atitudes e de nossas decisões faz parte do processo de autonomia. A autonomia não significa fazer o que se quer, mas pensar antes de decidir fazer, levando o outro em consideração, convivendo com esse outro. É preciso ter consciência do seu eu, comparar suas vontades com o bem comum para poder escolher as melhores opções, sendo livre de arbitrariedades e dominação externa.

Piaget e seus seguidores nos deixam bem claro a importância das crianças agirem por escolha própria, ter respostas corretas não somente porque alguém lhes “deu” esse conhecimento, mas porque elas próprias o construíram. Segundo Piaget (1998):

É livre o indivíduo que sabe julgar, e cujo espírito crítico, sentido da experiência e da necessidade de coerência lógica se colocam a serviço

de uma razão autônoma, comum a todos os indivíduos e que não depende de nenhuma autoridade externa.

Já vimos que a criança inicialmente é egocêntrica e tem atitudes que vem de uma anomia, passando pela fase da heteronomia e que se não forem incentivadas permanecerão assim e que portanto é extremamente necessário propiciar situações onde eles possam estar ampliando sua visão de mundo e percebendo que fazem parte de um todo maior. Gradativamente, aprendem a colaborar, a respeitar e conviver com o próximo.

A escola que busca formar cidadãos autônomos pode e deve fazer uso do maior número possível de atividades que possibilite alcançar esse objetivo. A capoeira mostrou ser uma dessas atividades pois permitiu aos alunos vivenciarem novas situações constantemente, levando a reflexão, análise, tomada de decisões, enfim ao pensar, exatamente as etapas de que nos fala Piaget. Segundo Piaget:

Nesta perspectiva, a tomada de consciência é entendida como uma construção que decorre das relações do sujeito com o objeto, sendo a mesma vista como uma conceituação, isto é, uma passagem de uma assimilação prática (assimilação do objeto a um esquema) a uma assimilação por meio de conceitos (Piaget, 1977, p. 200).

Através desse trabalho pude constatar que é possível utilizar a capoeira como agente pedagógico com o qual podemos levar as crianças a auto conhecerem-se, explorando seus limites e capacidades e agindo conscientemente. Sua contribuição para o processo de construção da autonomia pode ser visto nas atitudes das crianças ao longo do projeto. Claro que é um processo paulatino, gradual e constante e que não nos tornamos autônomos da noite para o dia. Mas somente na família não se constrói a autonomia, tendo em vista que hoje em dia as crianças passam pouco tempo com seus pais trabalhadores e muitas das vezes a escola é quem faz o papel da educação que deveria vir desses pais.

A capoeira sendo nossa autêntica herança cultural, originalmente brasileira traz inseridos valores e fundamentos característicos de nossa heterogeneidade cultural, marcas de nossa historicidade na construção do país através dos tempos e resiste enquanto manifestação popular. Esses fundamentos da capoeira são naturalmente disciplinadores, bem aproveitados puderam contribuir dando possibilidades às crianças de construir suas próprias noções de limites e desenvolverem sua autonomia moral. Através da capoeira foi possível trabalhar de forma que as crianças tivessem oportunidade constante de fazer escolhas, tomar decisões e ao mesmo tempo expressar-se livremente, utilizando e desenvolvendo sua criatividade e suas potencialidades.

Na própria roda da capoeira, quando estavam jogando e acontecendo a interação entre as crianças, elas tiveram oportunidade de fazer escolhas, e sentirem imediatamente a responsabilidade de suas decisões naquele momento. O tempo todo precisaram pensar e refletir sobre os acontecimentos, levando-as a colocarem-se no lugar do outro, promovendo, assim, uma descentração do pensamento.

O jogo com regra, que é característico do período operatório do desenvolvimento cognitivo, possibilita a criança construir um regimento na forma de jogar e por meio das vivências conflitantes

poderá construir relações conscientes de convívio mútuo. (KAMII; DEVRIES, 1991).

Nas atividades foi possível provocar a construção dos limites, pois elas puderam promover relações de cooperação com colegas, onde para jogar foi preciso o respeito mútuo, a reciprocidade e desenvolvendo da autonomia das crianças.

Pude observar que a capoeira utilizada para a educação tem os componentes do jogo, quando busca trocar interações com os colegas. Capoeira se joga “com” o outro e não “contra” o outro. E se para jogar o aluno precisa do colega, começa a desenvolver-se uma estreita relação de cooperação. As lições da capoeira mostraram-se completamente extensivas a vida cotidiana, precisamos dos outros para vivermos, não estamos sozinhos no mundo. Dentro do jogo da capoeira encontramos muitos aprendizados morais utilizados de forma simbólica, por sua ambigüidade com o jogo: é preciso estar sempre atento, o cuidado com nossa interferência em relação ao outro, o respeito que queremos e que precisamos ter, saber porque e como estou fazendo algo. Segundo Oliveira (2002), “os ensinamentos da capoeira podem ser utilizados nas relações humanas: agir com prudência, saber conviver com a maldade do mundo. Saber jogar com isto sem sair da harmonia”.

Na capoeira o melhor aluno não é aquele que executa os melhores movimentos levando em conta somente as habilidades físicas e motoras, mas aquele que escolhe o movimento certo para a ocasião apresentada, analisando o tempo, o contexto e a consequência para sua escolha. Nesse sentido pude observar o quanto a capoeira permite o auto conhecimento, o percebimento de sua existência no mundo e da diferenciação da sua existência em relação aos demais sujeitos. Freire (1991), afirma que, em relação ao processo de tomada de consciência de si mesmo, o sujeito que constrói o objeto no diálogo com ele, constrói a si mesmo, construindo o objeto que também é ele. Mas o que fica, o que ele compreende, é sua construção. Não são os espelhos, as opiniões alheias, as sensações visuais ou táteis que lhe dirão quem ele é exatamente. O sujeito é a sua construção. O sujeito é aquilo que se pode construir no diálogo consigo mesmo.

Após todas as reflexões que fiz pude entender que trabalhar com a capoeira dentro de uma “pedagogia da autonomia” delineada por Paulo Freire é possível e que essas possibilidades não se esgotaram durante essa pesquisa, merecendo mais aprofundamento e estudos.

6.Referências

ADRIANO, J. Disponível em **Capoeira na Educação Infantil** publicado 24/09/2008 por Jean Adriano Barros da Silva em <http://www.webartigos.com/> acesso em 03/11/2010
Fonte: <file:///E:/A%20Capoeira%20na%20Educação%20Infantil.mht#ixzz14hSgrIsM>

BECKER, F. **Ensino e construção do conhecimento**. Porto Alegre: ARTMED, 2001

BOGDAN, R. C; BICKEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. P.150-175.

CAMPOS, F. (et al.). **O jogo da história**. São Paulo: Moderna, 2002.

CORDEIRO, Y. **Capoeira e auto estima**. Brasília: o autor, 1998.

DILL, Aidê Campello. **O ensino no Rio Grande do Sul**. In BELLOMO, Harry Rodrigues ET al. Rio Grande do Sul: aspectos da cultura. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994. p. 107-130

FALCÃO, J.L.C. **O processo de escolarização da Capoeira no Brasil**. Revista Brasileira de ciências do esporte, Santa Maria: v. 16, n.13, p.173-182, Maio/1995

_____. **A escolarização da capoeira**. Brasília: ASEFE-Royal Court, 1996

FREIRE, J.B. **De corpo e Alma o discurso da motricidade** . São Paulo: Summus Editorial
1991

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____. & SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1987

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Editora Unesp, 2000

FREITAS, J. L. **Capoeira infantil: jogos e brincadeiras**. Curitiba: Torre de papel, 2003.

GINO, R., **Corpo arte e convivência** - Disponível em <http://www.morungaba.org.br/dettraj.asp?id=234> - Acesso em 03/11/2010

KAMII, C; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. São Paulo, Trajetória Cultural, 1991.

KAMII, C.; DEDART, G. **Reinventando a aritmética: implicações da teoria de Piaget**. São Paulo: Papyrus, 1992.

KAMII, C. Autonomia como Finalidade da Educação: implicações da teoria de Piaget": In: _____. **A Criança e o Número**. Campinas: Papyrus, 1991.

KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física**. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 1998.

MESZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Bomtempo, 2005

Notícia da UNICAMP - **Mestre Camisa participa de simpósio** na Universidade de Campinas - disponível em <http://portalcapoeira.com/Noticias-Atualidades/mestre-camisa-participa-de-simpósio-e-diz-que-a-capoeira-e-brasileira> - acesso em 03\11\2010

<http://www.unicamp.br/>

Notícia do jornal A Tarde on line - **Mestre Camisa dá entrevista** - <http://www.atarde.com.br/esporte/noticia.jsf?id=779017a> - acesso em 03\11\2010

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

_____ **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976

A epistemologia genética. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

_____ **A tomada de consciência**. São Paulo: Melhoramentos, Editora da Universidade de São Paulo, 1977

_____ Langage ET La pensée chez l' enfant. Neuchâtel - Paris, Dalachaux ET Niestlé, 1923. Versão em Português: Piaget, J. **A linguagem e o pensamento na criança**. Rio, Fundo de Cultura, 1973.

_____ **O juízo moral na criança**. 3. Ed. São Paulo, Summus, 1994.

_____ O procedimentos da Educação Moral. In: MACEDO, Lino de (Org.). **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

RICKES, S.M. **No operar das fronteiras, a emergência da função autor**. Tese (doutorado) Universidade Federal Do Rio Grande do Sul. Centro \interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Programa de Pós Graduação em informática na Educação, Porto Alegre, BR- RS, 2001. Orientadora Cleci Maraschin

GRAÇA, S. **Carta à escola**,

disponível em <http://www.goiasvivecapoeira.com.br/pratiquicapoeira.php> acesso em 03/11/2010.

SOUZA, S.A.R. & OLIVEIRA, A.A.B. **Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino médio**. Revista da educação física/UEM, Maringá, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. sem. 2001

